

RESENHAS E SINOPSES

Queda do Império Americano

Nilson Araújo de Souza¹

Ironicamente, quando os apologistas da ordem imperial anunciavam aos quatros ventos que, com a ruína da União Soviética, instaurar-se-ia uma “nova ordem mundial” sob domínio absoluto dos Estados Unidos, começaram a vir à tona, a partir de então, os primeiros sintomas da ruína do próprio império americano.

Sua decadência teve início no começo da década de 70, quando o então presidente Nixon, reconhecendo que os EUA já não tinham condições de manter a paridade e a livre-conversibilidade do dólar, iniciou o processo de desvalorização dessa moeda, realizando o maior calote de todos os tempos e enterrando de vez a ordem monetária internacional estabelecida em Bretton Woods. Foi essa a resposta do governo norte-americano ao déficit crônico na sua balança comercial, que havia esvaziado as reservas em ouro do Tesouro e cuja raiz havia sido a perda de competitividade da economia dos EUA frente às economias alemã e japonesa. O império havia começado a desabar.

Logo após, a partir de 1973, a economia norte-americana mergulharia em profunda recessão, e daí em diante se arrastaria numa estagnação crônica, da qual, apesar de todos os esforços, não logrou sair até os dias de hoje. De 1973 a 1993, a taxa anual de crescimento do PIB esteve em torno de 1%. De 1993 em diante, até meados do ano 2000, difundiu-se mundo afora a ilusão de que os EUA teriam dado a volta por cima e estariam vivendo um novo “milagre econômico”, pois sua economia estaria crescendo a um ritmo de 3% ao ano.

Na verdade, nem esse medíocre “crescimento” chegou a ocorrer. Como demonstramos em nosso último livro (“Ascensão e Queda do Império Americano”), ele foi inflado artificialmente por critérios de medição que embutem a especulação financeira e deixam de descontar parte da infração.

Essa avaliação foi inteiramente confirmada por uma revisão posterior das estatísticas oficiais promovida pelo Federal Reserve, o banco central dos EUA. Comentando essa revisão, o articulista Floyd Norris, do “The New York Times”, declarou: “após uma revisão, as estatísticas da produção industrial foram seriamente reduzidas”. Reforçando essa avaliação, o estrategista-chefe da arapuca especulativa Fuji Futures, John Vail, comentou: “Os novos números mostram que a produção industrial foi superestimada de maneira dramática”.

¹ Doutor em Economia pela Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), com pós-Doutoramento na Universidade de São Paulo (USP). É professor aposentado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Atualmente preside o Instituto do Trabalho Dante Pellacani

Vol. 3 – nº2, 2003

O escândalo das fraudes contábeis das corporações norte-americanas, que veio à tona no ano 2002, também veio reafirmar que o PIB dos EUA havia sido artificialmente inflado.

Portanto, a economia real norte-americano seguiu estagnada durante o período do “milagre”. O que cresceu, brutalmente, foi a especulação financeira – entre 1994 e janeiro de 2000, o índice Dow Jones da Bolsa de Nova York inchou sete vezes mais do que o já artificialmente inflado “crescimento” do PIB. E, para agravar, a partir de meados do ano 2000, essa economia começou a rumar em direção a uma forte depressão. O desabamento nas bolsas começou em março de 2000, a recessão na indústria deflagrou-se em agosto e os lucros das empresas começaram a cair no último trimestre daquele ano; os investimentos empresariais despencaram desde o começo de 2001 e o conjunto da economia entrou em rota recessiva desde março de 2002.

A situação está tão dramática que, apesar de um forte programa de estímulos fiscais e monetários deflagrado por George W. Bush, empurrando para um nível abaixo de zero a taxa real básica de juros, que caiu para o menor nível nos últimos 40 anos, e implementando um programa de devolução de impostos da ordem de US\$ 1.35 trilhão (agora reforçado por um outro de US\$ 650 bilhões), a economia prossegue se deteriorando.

As duas tentativas anteriores de injetar sangue na veia do vampiro para levantá-lo do caixão fracassaram redondamente. Primeiro, foi a reaganomics na década e 80. Reduziram-se os impostos e aumentaram-se os gastos públicos – principalmente os militares – como forma de injetar dinheiro na economia e assim reanimá-la. Ao mesmo tempo, elevaram-se as taxas de juros a fim de atrair capitais externos para financiar o déficit público que se originaria daquela política. O crescimento da demanda aliviou um pouco a economia, mas a principal consequência dessa política foi o surgimento do déficit nas contas públicas, que, ao se somar ao déficit externo crônico, provocou um festival de endividamento externo e interno e uma farra especulativa inédita na história do país.

Com essa política, o império americano sorveu os capitais do mundo inteiro, provocando a devastação econômica do resto do planeta, mas, mesmo assim, não conseguiu levantar-se. Reagan entregou a economia em recessão ao seu sucessor, George Bush. Este [o Bush pai] inaugurou e Clinton implementou uma nova tentativa de ressurreição da moribunda economia norte-americana, mas, mais uma vez, fadada ao fracasso. Sob as alcunhas de “nova ordem mundial”, “Consenso de Washington” ou “neoliberalismo”, impuseram aos países mais débeis um conjunto de políticas que visavam, entre outras coisas, abrir espaço para as mercadorias e capitais norte-americanos. Os xerifes dessa política foram o FMI e o Banco Mundial

Apesar de multiplicarem por quatro suas exportações ao longo da década de 90, não lograram levantar-se. Esse aumento brutal das exportações não conseguiu tirar o país da estagnação econômica – ao contrário, ela mergulhou em profunda recessão a partir de meados do ano 2000. E os déficits externos, em lugar de diminuir, cresceram vertiginosamente: de 1997 a 2000, o déficit em conta corrente do Balanço de Pagamento saltou de US\$ 143,5 bilhões para US\$ 435 bilhões.

Vol. 3 – nº2, 2003

Depois de três décadas de crescentes déficits externo e interno e de violento processo de endividamento [também externo e interno], a economia do império, em verdadeiro processo de apodrecimento, atingiu um grau de vulnerabilidade jamais alcançada por qualquer outro império. Seu passivo externo, isto é, o volume dos capitais estrangeiros existentes no país, já atingia em 2000, a gigantesca cifra de US\$6.5 trilhões, fazendo que os EUA enviem para fora mais juros e lucros do que recebem; sua dívida pública já era então de US\$5.6 trilhões e seu déficit público, que havia artificialmente desaparecido nos últimos três anos do governo Clinton, ressurgiu novamente graças à política de aumento de gastos e corte de impostos do governo Bush; o endividamento das empresas, como percentagem de seu patrimônio líquido, aumentou de 70%, em 1997, para inéditos 83%, em 2000; a dívida total das famílias aumentou de 70% de sua renda disponível, nos anos 80, para mais de 100%, no início de 2002.

Apesar de explorar predatoriamente as riquezas, os mercados e a força de trabalho do mundo inteiro, o império americano ainda teve de endividar-se de maneira brutal para tentar evitar o seu colapso e nem assim conseguiu levantar-se. Ao contrário, à moda das frágeis economias dependentes do Terceiro Mundo, passou a depender umbilicalmente dos capitais especulativos externos para financiar seus rombos externo e interno. Tal nível de vulnerabilidade nunca atingiu qualquer império, mesmo em sua fase terminal.

Na raiz desse processo, está a perda na corrida tecnológica. Esgotaram-se as inovações tecnológicas do pós-guerra e as novas tecnologias são impedidas de massificar-se em face do controle sobre a economia, particularmente por parte do capital especulativo–financeiro.

Na economia, o império americano é, portanto, um império terminal. E, na área “social”, como isso se manifesta? Segundo estudo de um desses economistas de carteirinha do establishment americano, o professor do MIT Lester Thurow, se somarmos os desempregados à procura de emprego mais os que desistiram de procura-lo e mais os que, a contragosto, trabalham como temporários, falta emprego para 14% da força de trabalho norte-americana – cerca de três vezes maior que o índice oficial. E, se considerarmos os grupos que não têm trabalho constante, o exército de desempregados e subempregados sobe a 28% – quase um terço da força de trabalho norte-americana.

Por sua vez, dois terços dos 43 milhões de trabalhadores norte-americanos que perderam o emprego, entre 1979 e 1995, voltaram a trabalhar, mas tiveram de aceitar salários e condições de trabalho piores. Ao final dos anos 90, uma família norte-americana trabalhava por ano, em média, 185 horas a mais do que no começo da década, levando a que a jornada de trabalho comum nos EUA subisse para 60 horas por semana. A gigante Caterpillar vem impondo jornadas diárias de trabalho de até 12 horas, incluindo os fins de semana.

Desemprego, trabalho mais intensivo e, portanto, extenuante e maior jornada de trabalho, acompanhados de salários mais baixos, resultantes da queda dos direitos trabalhistas – é esse o drama dos trabalhadores norte-americanos nessa fase terminal do império. A oligarquia imperial extrai não apenas o suor, mas o sangue e a própria carne do trabalhador de seu país.

Vol. 3 – nº2, 2003

E, quando mais se aproxima seu fim, mais o império se torna agressivo na tentativa vã de evitar a *débâcle*. É por isso que busca apropriar-se do patrimônio nacional dos demais países, monopolizar seus mercados e explorar desenfreadamente e de forma predatória a força de trabalho e os recursos naturais do planeta. É por isso que tenta enquadrar os demais países, e aqueles que não se submetem são agredidos militarmente ou bloqueados. Mas, quanto mais agressiva se torna essa casta imperial, mais aumenta seu isolamento no mundo.

Ao lado das lutas e revoluções que explodem em todos os rincões do planeta, e das manifestações anti-”globalização” que tornaram impossíveis as reuniões dos representantes das finanças mundiais em qualquer parte do mundo, os EUA foram excluídos, em março de 2002, de duas importantes comissões da ONU (Direitos Humanos e Narcóticos); saíram sozinhos do Protocolo de Kyoto e só não abandonaram solitários a Conferência da ONU contra o Racismo porque foram acompanhados pelos representantes do governo de Israel. Esse isolamento só ocorre com um império moribundo.

Foi esse quadro de degeneração econômica, social e política que a casta imperial americana exibiu ao mundo, sem o menor pudor, como nunca fizera antes, a farsa em que se converteu sua já castrada democracia formal. O candidato menos votado tanto no voto popular quanto, inclusive, no colégio eleitoral, que é onde se “elege” o presidente nessa democracia de fachada, foi o escolhido para governar o país, num golpe de mão da Suprema Corte, que impediu a recontagem dos votos na Flórida, cujo resultado definiria a maioria no colégio eleitoral. Recontagem posterior feita por um “pool” de órgãos de imprensa revelou que nesse estado o presidente escolhido, George W. Bush, perdeu no voto popular e, portanto, não teria direito aos seus delegados no colégio eleitoral.

Faliu o que restava de arremedo de instituições democráticas no império. E chegaram a isso porque necessitavam impor na presidência alguém que não tivesse qualquer veleidade de impor seu próprio pensamento, a exemplo de Bush II. Num império apodrecido, a casta imperial tem pressa em saciar sua ganância para, à moda dos vampiros, permanecer na condição de morto-vivo. E por isso não pode submeter-se às mínimas regras da democracia formal por ela mesma impostas. A ditadura sem rebuços é a sua forma de governar nessa sua fase senil.

Em suma, o império norte-americano faliu. A maneira como essa falência se converterá em colapso não é fácil prever. De qualquer forma, haverá uma combinação de crises, lutas de resistência, revoluções, avançando ou recuando ora num lugar ora noutro, mas, assim como a Humanidade encontrou um caminho para superar o escravista Império Romano e o medievalismo feudal, também encontrará o caminho agora.

Encontrará um novo modo de vida que, certamente, incorporará valores que acumulou ao longo de sua história: o humanismo, a solidariedade, a independência, a democracia e a justiça social. E, assim, se começará a construir a verdadeira história humana.

* Sinopse do livro *Ascensão e Queda do Império Americano*. São Paulo: Ed. CPC/Mandacaru, 2000. Texto apresentado no I Symposium sobre Globalização, promovido pela Casa da Sabedoria, em Bagdá, abril de 2002.